

dutos usados na indústria da moda. Lojas de tecidos, aviamentos, bijouterias, peles, uma infinidade de fontes reais colocam o aluno em contato com o mercado local e suas possibilidades. Importante também relacionar as criações com os processos industriais e artesanais, revelando as limitações de execução real para que o protótipo tenha lógica de produção e viabilidade econômica, embora em alguns casos, a qualidade experimentalista do protótipo possa requerer materiais inusitados como resíduos (lixo), materiais orgânicos, etc.

Assim, cada caso é acompanhado individualmente em 3 ou 4 etapas até a apresentação do 2º objeto, este sim um protótipo de produto de moda que, apesar de realizado por alunos inexperientes, iniciantes e com dificuldades criativas, respondem eficientemente as questões básicas do design de produto: exequibilidade, inovação e relação satisfatória produto x público alvo.

### Conclusão

A criatividade é um elemento fundamental ao designer de qualquer época e, principalmente nesses tempos de competição global. Somente atitudes criativas, devidamente exercitadas, elaboradas e verificadas podem abastecer a cultura material de um povo. Essa característica deve ser, desde o início, estimulada no ensino de desenho de produto e é justamente no início que o professor se depara com dois graves e inibidores problemas: inexperiência e “falta de criatividade”. Desconsiderando a criatividade como ato isolado e intangível, técnicas e

processos os mais diversos podem auxiliar o pensamento criativo, colocando o aluno em contato com sua percepção enriquecida, primeiro passo para o desenvolvimento efetivo da criatividade objetiva que, no caso deste artigo, focaliza a criação de um protótipo de produto de moda original.

Um exercício lúdico, repetidamente avaliado e orientado e com ampla flexibilidade de procedimentos, elevam a auto estima e coragem do estudante iniciante, condições indispensáveis a um pensamento independente e criativo, capaz de elaborar produtos inovadores, variados, comprometidos com a realidade e sem o estresse característico dos processos criativos.

### Referencias bibliográficas

- Kneller, G. F. Arte e Ciência da Criatividade. 14 Ed. São Paulo: Ibrasa, 1999
- Gomes, Luiz Vidal N. Criatividade. Santa Maria: sCHDs, 2001
- Baxter, Mike. O Projeto de Produto. 2 Ed. São Paulo: Edgar Blücher, 2001
- Aurélio. Novo Aurélio séc. XX: o dicionário da Língua Portuguesa. 3 Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999
- Bürdeck, Bernhard E. Diseño. 2 Ed. Barcelona: Gustavo Gilli, S.A., 1999
- Cabral, Álvaro; Nick, Eva. Dicionário Técnico de Psicologia

**Pedro Boaventura.** Prof., Faculdade Católica do Ceará. Arquiteto e especialista em Iluminação. Faculdade Católica do Ceará, Fortaleza - Ceará - Brasil.

## Bordado: fonte de renda e desenvolvimento humano no município de Itapajé

Iara Mesquita da Silva Braga, Rita Claudia Aguiar Barbosa y Artemisia Caldas

### Introdução

O município de Itapajé, está localizado na região norte do Estado do Ceará, à 124Km de Fortaleza com uma população de 41.093 habitantes. Dentre seus atrativos naturais são destaques o relevo acidentado e as formações rochosas como a Pedra da Caveira, e a Pedra do Frade, a qual originou o atual nome da cidade, pois tem uma formação que lembra um frade, um feiticeiro de joelhos a rezar. Na língua Tupi Guarani, Ita = Pedra; Pajé = Sacerdote.

Até metade do século XIX, a economia de Itapajé era baseada no binômio gado-algodão. Como em todo o Estado do Ceará, que teve seus espaços do interior conquistados por rebanhos de gado bovino e posteriormente pelo algodão o município tinha nessa atividade a produção de sua renda. O algodão teve importância substancial no desenvolvimento do Estado. Surgindo os primeiros pólos comerciais em Vilas interioranas, propiciando o advento das ferrovias e abertura de estradas pelo interior interligando à Fortaleza, esta se potencializou

como sede administrativa da Capitania, recebendo toda o cultivo de algodão do estado para a exportação, sendo esta, a primeira produção a ser exportada diretamente de Fortaleza para Portugal.

Hoje, a economia que movimenta o comércio de Itapajé, está dividido entre o cultivo da banana, a produção de bordados e a produção de sapatos, oriunda da fábrica de sapatos Paquetá, que teve sua implantação na cidade em 1999 à 2000, tendo contribuído e incentivado o crescimento do comércio local.

### Bordado como fonte de renda

O bordado é um trabalho manual realizado por meio de fios, sobre o tecido, com a utilização de fibras como o algodão, linho, dentre outras. Artesanato classificado como doméstico, produtos resultantes da utilização do tempo ocioso, como atividade ocupacional, ou como complemento ocasional de renda, também é um artesanato popular, sendo a produção predominantemente familiar e de pequenos grupos vizinhos, o que possibilita a continuidade das técnicas, processos e desenhos. O bordado de Itapajé, além de ser um representante dos traços culturais, ocupa a grande mão-de-obra ociosa, marginalizada e pouco qualificada e fonte principal do sustento.

O bordado por ser produzido por mais de 80% da população, em todos os bairros, distritos e localidades do município, movimentando os comércios locais e do centro

da cidade principalmente, onde o artesão compra toda a matéria prima utilizada para a confecção do bordado: o tecido, linho, as linhas, agulhas, tinta, o papel vegetal, lápis, o gás, querosene, o sal azedo, o sabão e a goma. (PRA-ITA, 2003)

O bordado, para muitas famílias de Itapajé é a principal fonte de renda e sustento. Todos os membros, na grande maioria de famílias que exercem essa atividade. A mãe por ter mais maestria na lida com o bordado, risca, borda e as filhas, seja qual for a idade, ajudam no fazer dos acabamentos. Caso tenha filhos homens, estes em alguns casos bordam, lavam e passam. O pai geralmente auxilia o filho e faz o acabamento final, o cordão, e as filhas finalizam com o picote, recortando o acabamento ao redor da peça. Com a peça pronta o bordado é comercializado em Itapajé, ou em Fortaleza, que de lá segue para as lojas e outros Estados. "A divisão de trabalho no artesanato obedece à lógica da experiência e do saber, muito embora se empreguem terminologias que remontam às Corporações de Ofício do século XVIII". (Barroso, 2002, p. 9)

Em quase 60% das famílias acontece esse processo descrito. As crianças começam ajudando nos acabamentos: crivos e pontos aju (ponto Paris), que são poucos no processo do bordado. Posteriormente elas passam a fazer também para fora e começar a ganhar o seu dinheiro, iniciando o interesse comercial da renda própria. Os homens são muito importantes nos processos de lavagem e passagem, como foi comentado anteriormente, pois são duas etapas que necessita de muita força. Na maioria dos casos eles também bordam à máquina.

### Problemas e falhas no bordado

Diante da importância do bordado na economia do município, onde envolvem os vários meios de negociações, (lojas de tecidos e linhas, mercantis, meios de transporte nas vias Itapajé-distritos e Itapajé-Fortaleza, como também mão-de-obra, fábricas de matéria-prima, lojas de máquinas, bancos), enfim tudo o que envolve o desenvolvimento da atividade, de forma direta ou indiretamente, observa-se que a melhoria deste, concomitantemente causará desenvolvimento econômico para o município. O bordado, além de ser uma fonte de renda, é também, um meio de inclusão social e de crescimento econômico para o município. Tendo em vista que as diversas dificuldades que essa atividade econômica apresenta, como ineficiência da comercialização do bordado, que estava em baixa com dificuldades de venda e a desqualificação dos produtos, desenvolveu-se esse trabalho que tem como resultado final o Programa de Revitalização do Artesanato de Itapajé - PRA-ITA.

Foi aplicada entrevista nas empresas, nas casas dos artesãos em diferentes bairros da cidade e noutras localidades. Com base nos dados da pesquisa, concluiu-se que o bordado de Itapajé não estava vendendo porque os produtos apresentavam péssimas condições de acabamento, levando a uma qualidade muito inferior do que o desejado pelos consumidores, o preço muito baixo e fora da realidade, acarretando uma descapitalização muito grande dos artesãos. O acontecimento constante de compradores fraudulentos, a repetição e cópias dos desenhos, tornan-

do os produtos repetitivos, tinha como consequência um desinteresse dos compradores e consumidores.

Portanto, que o bordado e as bordadeiras necessitavam passar por um processo de qualificação, capacitação para a melhoria dos produtos. Foi verificado que seria necessário a construção de um produto com identidade, originalidade e diferencial para uma aceitação de um mercado consumidor potencial com preços justos, para que o artesão empreenda o seu negócio e que tenha sustentabilidade.

### Revitalizando o bordado

Para a capacitação dos artesãos se fez necessário à elaboração de um processo que se constituiu de diversas etapas, iniciando com a realização do cadastramento, fotografando os artesãos e seus produtos.

Em cima dos dados colhidos através do cadastramento foi possível conhecer os artesãos e desenvolver uma metodologia adequada as suas deficiências. Este método de ensino foi criado tendo mais conhecimento da realidade local e fornecendo informações imprescindíveis para a criação do conteúdo da capacitação.

O PRA-ITA, aplicou uma metodologia que consiste na construção e produção de um artesanato com identidade cultural, originalidade, qualidade e diferencial. Pois, aliando o artesanato a cultura é possível desenvolver um artesanato diferenciado, criativo, com história, único, competitivo e com sustentabilidade. Além de melhorar a qualidade dos produtos artesanais, o método dar a oportunidade ao artesão de entrar em contato direto com suas histórias, com suas raízes, assim propondo a revalorização como um ser humano criativo, empreendedor e capaz, realçando sempre as suas potencialidades para o aumento da auto-estima.

A metodologia foi dividida em três etapas: motivação, desenvolvimento de produto e empreendedorismo, numa ação sistematizada, articulada e sinérgica, para a transformação de um objeto para um produto artesanal competitivo.

A aplicação da capacitação ocorreu por meio de processos. Sendo dividida a população cadastrada por grupos em localidades e bairros, com a finalidade de motivar os artesãos e conhecer o real interesse em cada grupo, em relação ao programa. Com a aceitação de alguns grupos foi iniciada a capacitação através de encontros semanais.

A primeira fase, foi dividida em quatro módulos: a metodologia, artesanato e cultura é repassada aos artesãos por meio de vivências, dinâmicas e conversas para um melhor entendimento que a arte popular e o artesanato poderão apontar os referenciais simbólicos e culturais que os consumidores desejam.

A segunda fase, foi o estudo da cultura local para o desenvolvimento do produto real. Momento em que o artesão cria, de acordo com os desejos do consumidor, com as cores que correspondem ao desenho, construindo cada peça com harmonia e equilíbrio sem deixar de lado a originalidade.

A terceira fase, o artesão entrou em contato com os números. Foi discutido custos, calculado preços e definido os lucros necessários para um sucesso comercial do empreendimento.

A cuarta fase, desenvolvimiento de una estrategia de marketing capaz de promover as peças produzidas pelos grupos capacitados e informar ao consumidor a procedência e a história de cada produto.

Com os produtos PRA-ITA prontos, e todo o material gráfico e marketing visual em mão foi feito o lançamento no município com o intuito que toda a comunidade itapajeense soubesse o que estava acontecendo durante todo o ano nos grupos de artesanato e constatassem os resultados dos produtos dos grupos capacitados, com intenção de aguçar o interesse para a formação de novos grupos e também, que outros artesãos melhorem a qualidade de seus produtos, para que possam concorrer com os produtos PRA-ITA.

#### Referências bibliográficas

- Pereira, J. C. C. Artesanato - Definições e Evolução Ação do MTB - PNDA, ministério do Trabalho-Secretaria Geral, Coleção XI, Planejamento e Assuntos Gerais, Brasília,1979.
- BNB. Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Nordeste - CrediArtesão / Banco do Nordeste, 2 ed. - Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002. 210p.
- SEMACE. Programa de Educação Ambiental do Ceará. 2. ed. rev. atual. Fortaleza: SEMACE, 2003. 164p.: il.
- Barroso, E. N. Curso Design, identidade Cultural e Artesanato. Fortaleza: SEBRAE/ FIEC, 2002, mod.1e 2.
- Carvalho, G.; Guimarães, D. Ceará Feito à Mão: Artesanato e arte popular Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2000. 160p. il.
- Alegre,S. P. Mãos de Mestre: itinerários da arte e tradição / Sylvia porto Alegre - São Paulo: Maltese, 1994.
- Eaton,Jan. Um guia criativo para bordados em ponto de cruz/Jan Eaton - Erechim - RS - Brasil - Edelbra, 1991.
- Tota, A. P.; Bastos, P. I. A. Novo Manual, Nova Cultura: História Geral. São Paulo, SP: Editora nova Cultural Ltda.,1994.
- Sebrae. Cara Brasileira: a brasilidade nos negócios, o caminho para o "made in Brazil". Brasília, DF: edição Sebrae,2002.
- Abreu, A.R.P.O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção. São Paulo, SP: Editora Hucitec,1986.
- Marchand, P. Segredos da Tecelagem. São Paulo, SP: Cia. Melhoramentos, 1996.
- Souza, S. (Coord.). História do Ceará. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 1994. 416p.

**Iara Mesquita da Silva Braga.** Mestranda do Curso de Design e Marketing na Universidade do Minho, Portugal; professora de Moda da UFC.

**Rita Claudia Aguiar Barbosa.** Professora Mestra em Economia Agrícola na Universidade Federal do Ceará.

**Artemísia Caldas.** Cursando Especialização em Design Têxtil e professora da Faculdade Católica do Ceará - Marista.

## Los 'otros cines' ¿Un mapa líquido?

Lorena Cancela

A partir de la década del '90 diversos cambios se producen en la cartografía audiovisual. Es así que de la mano de las innovaciones tecnológicas tal el advenimiento de la información digital y de posibilidades técnicas las cuales permiten, entre otras cosas, "bajar" películas digitalizadas enteras desde la computadora, nos familiarizamos con imágenes de los rincones más ignotos del planeta. Sumado a los festivales de cine dedicados a difundir y promover *films* de estas características, en la actualidad los espectadores nos hayamos frente a un aluvión de imágenes alejadas de los parámetros de Hollywood.

Sin embargo estas imágenes –que algunos suelen agrupar bajo el epíteto 'cines periféricos', otros 'cine independiente' y nosotros preferimos denominar 'otros cines'– no son exclusivamente un fenómeno contemporáneo. Por el contrario, tienen también su historia. Desde el taller propuesto para en II Encuentro Latinoamericano de la Universidad de Palermo, nos proponemos trazar puentes entre el estado de la cultura fílmica de la segunda posguerra, el de los '70 y el actual a los efectos de vislumbrar similitudes, diferencias y ayudar a comprender el citado fenómeno contemporáneo.

Después de la Segunda Guerra Mundial la cultura fílmica estaba en ebullición: una conjunción de innovaciones técnicas legadas del conflicto bélico sumado al

ansia de muchos artistas por dar cuenta del entorno, promovieron variados movimientos. Los más significativos fueron el neorrealismo italiano (sacó la cámara de los estudios, filmó la mayoría de sus escenas en exteriores y trabajó con actores no profesionales) y la *nouvelle vague* francesa la cual, rompiendo con un modelo industrial de realización, fusionó registros dispares como el clásico con el neorrealista generando una estética particular. En Estados Unidos John Casavettes también experimentaba con los soportes (el 16 mm), los modos de producción (filmaba con sus amigos y parientes) y creaba una filmografía personal al utilizar la improvisación como estrategia creativa. No hace falta más que ver en continuado *Ladrón de Bicicletas* (De Sica, 1948), *Shadows* (Casavettes, 1959) y *Sin Aliento* (Godard) para visualizar algunas de estas características. El corolario crítico y teórico de estas innovaciones eran las reflexiones de Césaire Zavattini, André Bazin y más tarde las disertaciones de la revista *Cahiers du Cinema*.

En los años '70 estos movimientos se extendieron más allá, arribando a países como Irán y gran parte de los que componen América Latina. Tal sus compatriotas europeos los realizadores de estas latitudes buscaban simultáneamente innovar estéticamente y describir o representar la realidad circundante. En la Argentina, por ejemplo, un film como *Tiré Dié* (1960, Birri) muestra un fuerte diálogo con el neorrealismo. Por dar otro ejemplo en la ópera prima del iraní Abbas Kiarostami, *El viajero* (1974), se vislumbra un cruce bien marcado tanto con el citado movimiento como con la *nouvelle vague*. Con el tiempo, esto produjo un viraje de canon en la revista *Ca-*